

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM DOCÊNCIA NA  
EDUCAÇÃO BÁSICA

SOLANGE APARECIDA DE OLIVEIRA MENDES

**A RELEVÂNCIA DAS BRINCADEIRAS TRADICIONAIS NA EDUCAÇÃO  
INFANTIL**

Belo Horizonte

2012

SOLANGE APARECIDA DE OLIVEIRA MENDES

**A RELEVÂNCIA DAS BRINCADEIRAS TRADICIONAIS NA EDUCAÇÃO  
INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação Infantil, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Ademilson de Sousa Soares

Belo Horizonte

2012

SOLANGE APARECIDA DE OLIVEIRA MENDES

**A RELEVÂNCIA DAS BRINCADEIRAS TRADICIONAIS NA EDUCAÇÃO  
INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Educação Infantil, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Ademilson de Sousa Soares

Aprovado em 11 de setembro de 2012.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Ademilson de Sousa Soares – Faculdade de Educação da UFMG

---

Sandro Costa – Faculdade de Educação da UFMG

## **RESUMO**

As brincadeiras tradicionais infantis são parte integrante da cultura lúdica. São transmitidas de geração em geração expressando valores e diferentes concepções. A violência e o crescimento das cidades, a falta de tempo dos pais e a grande expansão tecnológica não permitem que as brincadeiras tradicionais sejam tão difundidas quanto eram antes. Cabe, então, à Escola tentar fazer um elo de ligação entre as brincadeiras tradicionais deixadas de lado e as crianças. A cultura, presente nos brinquedos e brincadeiras tradicionais, para não se perder, tem de ser resgatada pela escola e pela família, pois a capacidade imaginativa e criadora de crianças, cujos únicos brinquedos são os industrializados, pode ficar aquém de suas reais potencialidades.

**Palavras-chave:brincadeiras tradicionais, escola, infantil**

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>06</b>
<b>2. A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR.....</b>	<b>08</b>
<b>2.1- O BRINCAR E A SOCIEDADE DE CONSUMO.....</b>	<b>09</b>
<b>2.2- A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....</b>	<b>10</b>
<b>3. RESGATANDO BRINCADEIRAS TRADICIONAIS E POPULARES.....</b>	<b>12</b>
<b>3.1- MODERNIDADE E MUDANÇAS.....</b>	<b>12</b>
<b>4. PLANO DE AÇÃO .....</b>	<b>18</b>
<b>5. CONCLUSÃO.....</b>	<b>28</b>
<b>6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>29</b>
<b>7. ANEXOS.....</b>	<b>31</b>

## 1- INTRODUÇÃO

Diante das transformações sociais, do advento da televisão e dos brinquedos eletrônicos, percebe-se a falta e a necessidade do resgate das brincadeiras tradicionais. De acordo com Fantin (2000) “Resgatar a história de jogos tradicionais infantis, como a expressão da história e da cultura, pode nos mostrar estilos de vida, maneiras de pensar, sentir e falar e sobretudo, maneiras de brincar e interagir. Configurando-se em presença viva de um passado no presente”. (p.70)

FARIA JÚNIOR (1996) afirma que:

“...jogos populares infantis, parlendas e brinquedos cantados foram sendo perdidos (ou transformados) nos últimos cinquenta anos possivelmente como consequência dos processos de urbanização e de industrialização.”  
(p.59)

O resgate de brincadeiras infantis populares que ficaram esquecidas se justifica tanto pela reelaboração da herança cultural – o que possibilita a interação entre as gerações – quanto pela contribuição ao desenvolvimento cognitivo que as mesmas podem propiciar.

A brincadeira infantil enquanto manifestação livre e espontânea da cultura popular tem a função de perpetuar a cultura infantil, desenvolver formas de convivência social e permitir o prazer de brincar (KISHIMOTO, 1996) dentro do ambiente escolar.

De acordo com o conselho Municipal de educação/BH e a resolução CEB – Conselho de Educação Básica - a Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica e tem por finalidade o desenvolvimento integral da criança de 0 a 6 anos de idade, levando-se em consideração suas especificidades afetivas, emocionais, sociais e cognitivas.

O presente trabalho tem como objetivos geral resgatar para a realidade da Educação Infantil as brincadeiras tradicionais e possibilitando às crianças vivenciarem , na escola, brincadeiras que lhe trarão um desenvolvimento harmônico visando os aspectos físicos, morais, cognitivos e sociais.

Como objetivos específicos se pretende resgatar a experiência fascinante da brincadeira tradicional, criando e recriando o encantamento do lúdico, do convívio e da troca com o outro ; possibilitar às crianças perceber que é possível se divertir entre amigos de maneira direta, sem a necessidade de brinquedos caros ou da

tecnologia eletrônica; permitir que as crianças reelaborem a herança cultural de maneira significativa e democrática; possibilitar a interação entre as gerações - crianças, adolescentes e adultos - e contribuir para o desenvolvimento da criança com mais liberdade e melhor interação com o meio; promover a integração social através das diversas possibilidades de comunicação e interação que as brincadeiras tradicionais proporcionam; apresentar as questões atuais que envolvem a criança e o brinquedo e possibilitar que os adultos envolvidos com a educação reflitam e desenvolvam ações, tendo como base a importância e a necessidade do ato de brincar.

O Plano de Ação será desenvolvido na UMEI Paraiso, com uma turma composta por 25 alunos com 5 anos de idade.

## 2 – A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR

“Brincar com criança não é perder tempo, é ganhá-lo; se é triste ver meninos sem escola, mais triste ainda é vê-los sentados enfileirados, em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para a formação do homem”. (Carlos Drummond de Andrade)

Muito se discute hoje sobre a importância do brincar. A criança, desde os tempos primitivos, utiliza-se do ato de brincar. Inicialmente ela imitava os adultos e seu brincar era o meio pelo qual aprendia as regras sociais da vida cotidiana. A criança era, então, considerada por todos como um adulto em miniatura: só diferia deles no tamanho e capacidade produtiva.

Com o passar dos tempos, porém, o ato de brincar recebeu maior atenção da sociedade. A visão de infância, trazida pelo Renascimento, deu à criança um valor positivo que foi confirmado pelo romantismo – período em que ela é vista como um ser de boa natureza. Nessa época o jogo – outrora relegado pela sociedade – passou a ter um caráter positivo. Filósofos e educadores enaltecem o jogo por considerá-lo como objeto de educação da infância.

De acordo com Kishimoto (2003) “ o século XVIII erige o conhecimento da criança como via de acesso à origem da humanidade”. No século XIX surge a Psicologia da Criança que considera o jogo um elo de ligação entre a Biologia e a Psicologia. “Dessa forma, Gross retoma o jogo enquanto ação espontânea, natural (influência biológica) prazerosa e livre (influência psicológica) e já antecipa sua relação com a educação (treino de instintos). Kishimoto (2003)

Ao longo do século XX houve um esforço pelo conhecimento da criança, em vários campos de conhecimentos . Para Krammer (2007) a ideia de infância moderna foi universalizada, tendo como referência um padrão de crianças de classe média, desconsiderando a diversidade dos aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos. A psicologia no século XX, segundo Krammer, especialmente nas expressões de Vygotsky, Wallon e Piaget, avançou sobre os estudos acerca da infância, revolucionando a compreensão dessa fase da vida humana. Todos os estudos desenvolvidos acerca da infância reconhecem o que é específico desta fase: seu poder de imaginação, a fantasia, a criação e a brincadeira entendida como experiência de cultura. É nisto que reside sua singularidade. (KRAMMER, 2007)

Piaget não discute a brincadeira em si, apenas a considera como um modo de



observar os aspectos cognitivos da criança. Segundo ele:

o jogo é fundamental para o desenvolvimento da criança e quanto mais nova esta for, mais importante o jogo se torna. Isto porque é necessário agir sobre os objetos para que haja a construção da noção de relações. É preciso que a ação seja voluntária para que haja conhecimento para a criança. (PIAGET, 1978)

De acordo com Kishimoto (2003), o jogo assume o sentido que lhe é atribuído por cada sociedade. Já o brinquedo, estabelece relação direta com a criança podendo transportá-la a um mundo imaginário. Nesse mundo a criança pode ressignificar a importância de objetos tidos com desnecessários. Para a criança qualquer objeto pode se tornar um brinquedo.

Garrocho (2003) afirma que a criança abre outros mundos quando se utiliza de objetos não convencionais transformando-os em brinquedos e assim lhe emprestando significados. É o que acontece com um menino que transforma a roda de um velho carrinho de mão em volante e faz daquele carrinho um ônibus. “O brincar (...) é um mundo que abre quando se fecha, quer dizer, quando se delimita”. (Garrocho, 2003, p.38)

As crianças criam espaços para brincar e se utilizam dos materiais mais improváveis para abrir o seu mundo. É muito comum vermos crianças brincando com objetos os mais variados possíveis, que não são brinquedos oficiais. “As crianças *desadoram* os brinquedos que dizem tudo, preferindo os toscos onde a imaginação colabore”. (Gilio, 2003, p.29,30).

## 2.1 – O BRINCAR E A SOCIEDADE DE CONSUMO

As brincadeiras traduzem os signos da cultura de seu tempo.

A sociedade contemporânea se caracteriza pelas relações de consumo. Somos uma sociedade consumista. Isso se reflete também no ato de brincar. As crianças são consideradas consumidores em potencial e assim a indústria do brinquedo investe cada vez mais em instigar o consumo apelando para as mais variadas formas midiáticas.

Os brinquedos industrializados estão cada vez mais sofisticados. A tecnologia está sendo utilizada para que a criança se sinta cada vez mais “encantada” pelos brinquedos que fazem “de um tudo”. Porém, os brinquedos industrializados, além de

promoverem o consumismo exacerbado de produtos acabados, retiram da criança o prazer da descoberta, criatividade, imaginação e coletividade do lúdico.

De acordo com Trevisan e Gomes (1999) os brinquedos industrializados não favorecem a criatividade por terem regras pré estabelecidas. Segundo os mesmos autores tais brinquedos somente atendem aos apelos do consumismo e não ajudam as crianças a se expressarem e se relacionarem com outras crianças.

Os adultos de hoje, também manipulados pelo consumismo, o reforçamos oferecendo às crianças o que há de melhor em termo no mercado. O que se observa é que até pessoas com menor poder aquisitivo se esforçam para dar a suas crianças produtos caros, veiculados pela mídia, que reforçam a ideia de que o “ter” é mais importante que o “ser”. Não se trata de deixar de comprar um brinquedo industrializado, mas de mesclar outros tipos de brinquedos e brincadeiras.

O consumismo afeta as relações infantis. Os pares, muitas vezes, são escolhidos de acordo com o brinquedo que possuem. Assim, o brinquedo passa a ser um signo social que detém ou demarca a valorização, status, poder de barganha e distinção dentro do grupo. O brinquedo se torna passaporte para atravessar fronteiras culturais lúdicas; meio de ascensão social ou de poder dentro de um grupo. A criança que possui o brinquedo mais caro ou aquele que está na moda ou o que é mais desejado detém, naquele momento, o poder sobre as outras crianças. O brinquedo – que deveria ser objeto de socialização – se torna objeto de poder. As crianças, em suas interações sociais, desempenham uma diversidade de papéis e estabelecem entre si diferentes relações de poder, saberes, autonomia e afetos.

SALGADO (2010) afirma:

brincando, a criança, não apenas interpreta os elementos da cultura, como também define papéis, códigos e posições sociais que materializam seus modos de organização social. Nesse jogo de assimilação e produção cultural, as crianças são interpeladas pelos valores da cultura de seu tempo, em um movimento incessante de constituição de suas identidades (SALGADO, p.8).

## 2.2 – A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Foi ao longo dos últimos anos que o debate sobre a importância e sobre o direito de brincar se intensificou e provocou o surgimento de brinquedotecas em creches, escolas e hospitais.

Kishimoto faz a seguinte afirmativa:

Para a criança, o brincar é a atividade principal do dia-a-dia. É importante porque dá a ela o poder de tomar decisões, expressar sentimentos e valores, conhecer a si, aos outros e o mundo, de repetir ações prazerosas, de partilhar, expressar sua individualidade e identidade por meio de diferentes linguagens, de usar o corpo, os sentidos, os movimentos, de solucionar problemas e criar. Ao brincar a criança experimenta o poder de explorar o mundo dos objetos, das pessoas, da natureza e da cultura para compreendê-lo e expressá-lo por meio de variadas linguagens. Mas é no plano da imaginação que o brincar se destaca pela mobilização dos significados. Enfim, sua importância se relaciona com a cultura da infância, que coloca a brincadeira como ferramenta para a criança se expressar, aprender e se desenvolver. (KISHIMOTO, 2010, p.1).

De acordo com Kishimoto a brincadeira é fundamental na educação por ser ação indispensável ao desenvolvimento da criança.

Desde tempos passados, a educação reflete a transmissão da cultura, o acervo de conhecimentos, competências, valores e símbolos e entre os métodos de se transmitir esta cultura, há as brincadeiras tradicionais que até hoje, tem um objetivo muito importante na educação, por auxiliar no desenvolvimento motor, social e afetivo da criança.

De acordo com Gilio (2003) é necessário um olhar mais atento para a infância, especificamente para a Educação Infantil. Segundo o autor os adultos precisam estar atentos a ação de “admirar-se” das crianças, pois aquilo que é vivenciado na infância pode determinar a vida adulta. Dessa forma, a Educação Infantil precisa deixar de ser vista apenas como a fase em que a criança vai para a escola “apenas para brincar”, sem ter esse brincar nenhum tipo de importância ou compromisso. O autor ressalta que muitas escolas escolhem seus profissionais, não pela qualificação e competência mas sim pelo baixo custo de se contratar pessoas apenas para brincar com os alunos. Ainda segundo o autor “é Educação Infantil o tempo de admirar-se e a escola deve ser um espaço de admirações” (GILIO, 2003, p.35).

Salgado (2010), afirma ser a Instituição Educativa terreno fértil para a produção de culturas infantis por ser um espaço privilegiado onde circulam diferentes interações, negociações e organizações.

Toda questão relativa ao brincar na Educação Infantil perpassa pela formação do educador.

Saber sobre a importância do brincar e concordar com ela é fato comum entre os educadores. Porém, saber utilizar os brinquedos e brincadeiras sem fazer com que eles percam sua essência lúdica e se tornem dirigidos, didatizados é outra questão. A prática pedagógica mais comum aos educadores e professores relega os

brinquedos à um dia ou horário fixo, pré estabelecido, geralmente como atividade de descontração ou até prêmio por bom comportamento. Não é permitido que o brincar influencie os outros conteúdos. Somente alguns jogos tidos como pedagógicos – geralmente de alfabetização ou matemática – são permitidos por serem vistos como importantes para o desenvolvimento cognitivo e aquisição de conhecimentos. Dessa forma, o brincar - atividade inerente à criança – não é utilizado como meio para se conhecer a criança. Enquanto ela brinca espontaneamente o educador deixa de aproveitar esta atividade com o fim de observar e descobrir mais sobre elas. A “culpa”, porém não pode ser remetida apenas ao educador. Sua formação acadêmica e a própria cultura social o levam a agir dessa forma.

Navegando pelos mares da brincadeira, um importante pilar para entendermos o estado de ser da criança, percebemos que a sua necessidade para a educação e o desenvolvimento da personalidade se dá, devido à gama de sentimentos que provoca naquele que a vivenciam. Brincando, a criança é capaz de envolver-se no universo de ritmos e propostas tão diferentes e contraditórias do seu meio, podendo compô-las, transformá-las, atuar sobre elas, dando um verdadeiro significado ao seu existir presente, estruturando, assim, sua identidade, ou seja, reconhecendo sua realidade, podendo assim aceitá-la ou transformá-la, mostrando-se como agente de cultura. Se a criança não vivencia esse processo, pode se tornar uma pessoa passiva, com uma visão dogmática de sua realidade, sem condições de perceber e acompanhar a dinâmica do mundo, podendo, com isso, apresentar distúrbios no campo do comportamento e/ou da aprendizagem. (SILVA, 2012)

Segundo SILVA (2012) é necessário que a família e a escola se unam na tentativa de viabilizar uma política educacional capaz de garantir uma boa formação às nossas crianças, respeitando sua plenitude lúdica a fim de que se tornem adultos comprometidos com o bem estar do outro e do planeta.

### 3 - RESGATANDO BRINCADEIRAS TRADICIONAIS E POPULARES

“(...) valorizar a brincadeira não é apenas permiti-la, é suscitá-la.”

(Revista Eletrônica de São Miguel – 27/10/2011)

#### 3.1 Modernidade e Mudanças

A Modernidade gerou mudanças na sociedade em todos os aspectos: estudos, família, vida social. Ela trouxe novos aprendizados para todos, inclusive para as crianças.

Após a revolução industrial houve um grande crescimento das cidades e assim, a rua que era espaço para brincadeiras infantis deixou de ser um local seguro. Além do trânsito intenso há também a questão da insegurança relativa aos grandes centros urbanos.

Vivemos, hoje em uma sociedade capitalista/consumista onde é necessário que os adultos trabalhem durante todo o dia para se colocarem em posição econômica confortável e assim poderem proporcionar à família tudo que o mercado consumista oferece. A pressa e a falta de tempo fazem com que as pessoas mal se cumprimentem.

Até as relações sociais estão virtualizadas.

A infância segue o mesmo ritmo. As crianças são colocadas mais cedo nas escolinhas e quando estão em casa brincam sozinhas com brinquedos industrializados, caros e sofisticados, com as mais variadas funções. Na maioria das vezes os brinquedos são games que obrigam o jogador a ficar horas diante de um computador ou vídeo game.

A falta de tempo para se relacionar com os filhos faz com que a relação adulto criança se dê de forma vertical, quase sem diálogo e troca de conhecimentos e valores. Os pais – que não tem mais tempo de brincar com os filhos - tentam compensar essa falta atendendo aos apelos da mídia e ofertando brinquedos variados.

A criança de hoje continua brincando como todas as crianças de todos os tempos. Porém, as brincadeiras coletivas praticamente não existem. O individualismo impera em tempos de grandes cidades e sociedade capitalista fazendo com que as crianças muitas vezes se esqueçam do senso de coletividade, valores sociais e interação com outro. Os brinquedos atuais também reforçam a distância entre meninos e meninas, pois são poucos aqueles com os quais ambos podem brincar juntos.

Hoje o que se observa é que as crianças estão muito mais críticas e questionadoras. Porém, quase nada criativas.

De acordo com Garrocho:

Crianças educadas sem vivências corporais, sem contatos maiores com o meio natural costumam apresentar algumas características em comum. São muito críticas e possuidoras de perspicácia intelectual, mas apresentam autoestima baixa mostrando-se apavoradas quando precisam compartilhar ou disputar espaços nos jogos e brincadeiras(...). Essas crianças estão perdendo o que seria próprio de sua cultura: o brincar como um modo de habitar o mundo (GARROCHO, 2003, p.42).

Tantas mudanças também fizeram com que as famílias optassem por colocar seus filhos mais cedo na escola. Percebe-se o grande aumento no número de escolas de educação infantil e conseqüentemente a importância dada a essa etapa da educação. O olhar sobre a educação Infantil vem sendo modificado e esta modalidade de ensino já é considerada como parte da Educação Básica.

As crianças, uma vez dentro das escolas, precisam ter possibilidade de conviver com a diversidade cultural que muitas vezes não lhes é proporcionada pela família. Há de se ter tempo para o brincar de forma diferente daquela que a criança tem em casa. A Escola, assim, não pode apenas reforçar a prática do capitalismo e oferecer à criança brinquedotecas equipadas com brinquedos diversos com os quais ela vai brincar sem nenhum crescimento sócio afetivo e envolvimento com outro.

Por isso a importância de resgatar, na escola, as brincadeiras tradicionais.

Não se trata de fazer apologia à erradicação de brinquedos industrializados e eletrônicos.

KISHIMOTO (2010) afirma:

A seleção de brinquedos envolve diversos aspectos: ser durável, atraente, adequado e apropriado a diversos usos; garantir a segurança e ampliar oportunidades para o brincar; atender à diversidade racial, não induzir a preconceitos de gênero, classe social e etnia; não estimular a violência; incluir diversidade de materiais e tipos – brinquedos tecnológicos, industrializados, artesanais e produzidos pelas crianças professores e pais (KISHIMOTO, 2010, p. 2).

O que a escola pode fazer é mesclar, inserir outro tipo de prática lúdica que possibilite à criança uma infância mais feliz.

### 3.2 Resgatando Brincadeiras Tracionais e Populares na Educação Infantil

“Você pode descobrir mais sobre uma pessoa em uma hora de brincadeira do que em um ano de conversa.”

Platão

São chamados tradicionais os jogos e brincadeiras que antecedem à Modernidade. São considerados como reflexo da sociedade de uma época. São repassados de geração em geração principalmente de forma oral e tidos como folclóricos. Não há registros de seu início. No Brasil, acredita-se que tenham vindo com os colonizadores europeus e tido também influência dos negros e índios.

De acordo com Kishimoto, que denomina jogos populares de “jogos infantis tradicionais”, compreender a origem e o significado dos jogos pede uma investigação das raízes folclóricas. Para autora, a determinação das origens dos jogos infantis se fundamenta na história brasileira e na constituição do seu povo. Desta forma, nos diz que “veio com os primeiros colonizadores o folclore lusitano, incluindo os contos, histórias, lendas e superstições que se perpetuaram pelas vozes adocicadas das negras, e também os jogos, festas, técnicas e valores” (Kishimoto ,2003, p. 15,16).

Muitas brincadeiras e jogos populares mantêm sua estrutura inicial, porém, outros são modificados e assim, jogos com o mesmo nome tem modos de execução diferente dependendo da região. Acontece também de jogos e brincadeiras que são executados da mesma maneira receberem nomes diferentes. É a diversidade cultural causada por maior ou menor herança cultural.

De acordo com FARIA JUNIOR (1999), a inserção das brincadeiras populares além de ter caráter multicultural possibilita à criança lidar com vários sentimentos, com a imaginação e junto com o processo de formação personalidade construir a sua identidade.

As brincadeiras populares permitem à criança desenvolver o senso de coletividade e envolvimento com o outro, além de valores morais, sociais e educacionais. Conforme a brincadeira – jogos coletivos, por exemplo - a criança vai necessitar da ajuda do colega para alcançar o objetivo. Saber conviver é fundamental e desde cedo ela poderá ter também desenvolvido o senso de cidadania, onde não há apenas direitos, mas também deveres. A convivência com o outro é fundamental para que o egoísmo não se torne permanente em sua vida .

O papel da família em relação à escola é fundamental para que aconteça tal resgate. Através do diálogo a escola poderá se preparar para fazer a ponte entre seus alunos e a cultura de seus pais, propiciando maior interação entre as gerações.

Se as brincadeiras tradicionais são capazes de atravessar gerações e gerações devem também ser capazes de atravessar os muros das escolas. Esse

resgate é de imensa importância, pois tais brincadeiras permitem melhor desenvolvimento físico, verbal e intelectual das crianças.

O educador infantil pode aproveitar as brincadeiras para observar seu aluno, conhecendo-o melhor, pois durante as mesmas, as crianças se mostram de forma espontânea. O Educador conseguirá, então reconhecer individualidades e promover a integração. Além disso, ele se torna também um transmissor de cultura.

Segundo Kishimoto (1996) enquanto manifestação livre e espontânea da cultura popular, a brincadeira tradicional tem a função de perpetuar a cultura infantil, desenvolver formas de convivência social e permitir o prazer de brincar. Por pertencer à categoria de experiências transmitidas espontaneamente conforme motivações internas da criança, a brincadeira tradicional infantil garante a presença do lúdico, da situação imaginária. Ainda segundo a autora, as brincadeiras são capazes de perpetuar a cultura infantil, a convivência social e o prazer de brincar dentro da escola.

A grande maioria das brincadeiras utiliza material barato e de fácil execução, quando não necessitam, apenas, da disposição para brincar. A construção de brinquedos e brincadeiras é adequada ao desenvolvimento da criança, pois: Quem faz é o próprio corpo, quem pensa é também o corpo. As produções físicas ou intelectuais são, portanto, produções corporais. Produções essas que se dão nas interações do indivíduo com o mundo” (FREIRE 1997, p.134).

Cavallari (2001) afirma que as brincadeiras cantadas são atividades em que as pessoas podem cantar e brincar ao mesmo tempo, coordenando sempre as brincadeiras com as músicas entoadas. São compostas por letras simples e acopladas, gestos e movimentação divertida. As rodas e brincadeiras podem ainda ajudar no desenvolvimento da sociabilização e aprendizagem motora (ritmo, coordenação, e desenvolvimento de percepção, observação e atenção). Como as músicas entoadas são compostas por letras simples e acopladas, gestos e movimentação divertida, as rodas e brincadeiras podem ainda ajudar no desenvolvimento da sociabilização e aprendizagem motora (ritmo, coordenação, e desenvolvimento de percepção, observação e atenção).

As brincadeiras tradicionais propiciam experiências positivas e práticas culturais para todos os que as desenvolvem. Através das brincadeiras tradicionais a criança poderá mudar o papel de simples expectadora de seu tempo e deixar de ter papel passivo dentro de uma sociedade capitalista/consumista. Ela passará a ser



transmissora de cultura, participante ativa da sociedade permitindo não só uma reconexão com o passado mas também entre presente e futuro.

#### 4 - PLANO DE AÇÃO

Escolhi o tema “Brinquedos e Brincadeiras” para confecção do meu trabalho, por que a relação da criança com o brinquedo sempre me causou inquietação dentro da Educação Infantil. Antes de tornar Educadora Infantil pela PBH, trabalhei como educadora em creches e escolinhas.

FARIA JÚNIOR(1999) afirma que:

Brincar com as crianças e permitir o tempo necessário para que elas possam criar, requer do adulto – educador – conhecimento teórico sobre o brinquedo e o brincar e muita paciência e disciplina, observar sem interferir em determinadas atividades infantis, além da disponibilidade para (re) aprender a brincar recuperando/construindo sua dimensão brincalhona. (FARIA JÚNIOR,1999, p.213)

Porém, a questão do brincar, em todas as instituições, se dava praticamente da mesma forma. As crianças não brincavam com objetivos pedagógicos nem tampouco com o objetivo de socialização ou aquisição de cultura histórica. O que acontecia é que os brinquedos eram distribuídos em determinados momentos como forma de recreação para as crianças que disputavam o que queriam sem muito critério. Não havia, por parte delas, o menor cuidado com o brinquedo. Se o brinquedo estragava, estragava e pronto. A instituição repunha o acervo e este nunca era suficiente. Os brinquedos eram somente industrializados e seu uso e reposição sem qualquer cuidado reforçam a prática capitalista dentro da escola.

“Sabemos muito bem que em tempos modernos a infância tem tornado-se cada vez mais uma disputada fatia de mercado para a indústria do brinquedo e entretenimento.” (ROURE, 2010, p. 3)

Este fato me chamava a atenção e eu tentava estabelecer normas para que as brinquedos fossem utilizados, mas não dava muito certo. Então pensei em como as crianças de hoje já estavam se tornando “consumistas mirins”, que não se preocupavam nem um pouco em como se adquiria determinado produto, quanto ele valia e que devia ser conservado.

Porém, após estudo bibliográfico do tema entendi que muitas vezes a criança quer saber como aquele brinquedo funciona e o destrói na tentativa de reconstruí-lo, de saber como ele funciona, o que tem por dentro. O fato de o brinquedo vir pronto não consegue aplacar sua curiosidade.

Desse modo, se o brinquedo oferecido e veiculado pela mídia torna-se hoje um objeto cada vez mais aperfeiçoado, perfeitas miniaturas

do real, pergunto-me até que ponto as crianças não tem sua experiência obstaculizada, uma vez que deles quase nada de novo se pode criar ou falar, a não ser obedecer aos seus comandos e submeter-se às funções pré-determinadas sempre ao som de seus slogans. (ROURE, 2010, p.9).

Outra constatação importante durante este período foi que quando a educadora propunha alguma brincadeira eles preferiam brincar com a educadora do que com os brinquedos. Muitas crianças deixavam seus brinquedos para ir pular corda ou jogar amarelinha com sua professora.

Muitos autores afirmam que as crianças de hoje não tem mais espaço nem tampouco o auxílio dos pais para brincar juntos, utilizando brincadeiras e jogos tradicionais, e assim ficam por muito tempo sozinhos em frente à computadores e TV's e na maioria das vezes brincam sozinhos. Por esse motivo entendo o fato de que as crianças queiram brincar com sua professora. Para a grande maioria ter um adulto com quem brincar é fato totalmente novo, pois a relação com o adulto é simplesmente vertical.

Ao ingressar para a PBH, trabalhando em uma UMEI, fiquei maravilhada com a quantidade de material existente ao alcance do educador, inclusive brinquedos variados. A utilização destes brinquedos, porém, se dava quase da mesma forma que nas outras instituições. Apenas os jogos pré-selecionados como pedagógicos eram vistos com um caráter educativo. Brincadeiras tradicionais eram citadas apenas na época do folclore.

Ao me tornar Coordenadora na UMEI Paraiso, contei com um grupo de trabalho muito bom. Grande parte das educadoras também questionava o uso indiscriminado do brinquedo. Conseguimos criar normas para o uso deles, junto às crianças e fizemos um trabalho de socialização. Contudo não era ainda o ideal. Muitos alunos permaneciam com a ideia do “ter” ao invés do “ser”, reforçada pela sociedade capitalista. Assim, quando se podia, levar brinquedos para a escola, estas crianças queriam que seu brinquedo fosse visto e apreciado pelos outros. Os pares se formavam, de acordo com os brinquedos que cada um possuía. Tal fato comprometia a socialização. Percebi exatamente o que afirma SALGADO (2010):

O empréstimo de brinquedos confere destaque e poder àquele que o detém. A criança, ao trazer brinquedo de casa, também constrói um lugar seu no espaço público do grupo. Os objetos pessoais não apenas definem o território individual, mas, sobretudo, o alcance de sua influência sobre os demais membros do grupo. Parece que a citação termina aqui... (Salgado, 2010,p.9)

Quanto Foi proibido que a criança levasse para a escola o seu próprio brinquedo. Tal fato foi esclarecido para os pais e a partir de então passou-se a utilizar apenas os brinquedos da escola. Nada de coisas caras e “da moda”.

Quando tive que pensar num tema para meu TCC, escolhi este por pensar que poderia contribuir de forma real para que uma nova prática acerca do uso dos brinquedos fosse adotada.

Escolhi uma turma de alunos com 5 anos, que já estavam na escola desde os 3 anos. A professora, Mara, amou o Projeto e se prontificou desde o início a me ajudar em sua execução.

#### **4.1. CONTEXTUALIZAÇÃO DA UMEI PARAISO**

Trabalho em uma UMEI (Unidade Municipal de Educação Infantil), que foi municipalizada em 2008, pois era uma Escola Infantil Estadual que funcionava no bairro desde 1952, sendo referência em educação infantil para a comunidade local.

Lá são atendidas crianças de 3 a 5 anos de idade. A escola funciona em dois turnos sendo que os alunos permanecem na escola apenas em um horário. Há cinco salas de aula que tem bom tamanho e ventilação. Os banheiros são adaptados à idade das crianças, assim como a cantina. O espaço ao ar livre é pequeno mas permite que sejam realizadas atividades fora de sala de aula. O número de alunos por turma segue o disposto pela PBH. Há um educador referência para cada turma e dois educadores de apoio que revezam entre as turmas. Um educador coordenador que trabalha nos dois turnos e a vice-diretora completam o quadro docente. Os funcionários da limpeza e da cozinha são capacitados e tratam as crianças com carinho, reconhecendo suas especificidades. Para maior segurança contamos com um porteiro que mantém sempre fechados os portões da escola.

A UMEI dispõe de vasto material didático-pedagógico, adquirido com verba recebida pela PBH. Há uma biblioteca e uma brinquedoteca muito bem equipadas. No início do ano letivo os alunos recebem um kit de material didático. Os projetos que incluem outras atividades como excursões, são planejados no início do ano e os recursos para seu desenvolvimento são aprovados pela Caixa Escola e pela acompanhante pedagógica.

O Projeto Político Pedagógico foi construído por todo o corpo docente que ouviu também a comunidade escolar e os funcionários. Seu objetivo é propiciar um processo de ensino que trabalhe os conceitos fundamentais, numa prática

pedagógica que possibilite aprender com prazer, privilegiando o lúdico e a criatividade.

As reuniões pedagógicas acontecem quinzenalmente, quandoicineiros ficam com as crianças para que os educadores possam se reunir.

A UMEI atende a seis alunos de inclusão, sendo quatro no 1º turno e dois no 2º turno. Cada um deles é acompanhado por um estagiário. Além disso há “acompanhantes de inclusão” designados pela PBH para visitar periodicamente a escola e interagir também junto à família.

A relação família x escola é muito boa. A comunidade valoriza muito a UMEI e acompanha de perto o trabalho escolar e o desenvolvimento das crianças.

De acordo com o Conselho Municipal de Educação e a Resolução CEB – Conselho de Educação Básica - a Educação Infantil é a primeira etapa da educação básica e tem por finalidade o desenvolvimento integral da criança de 0 a 6 anos de idade, levando-se a consideração suas especificidades afetivas, emocionais, sociais e cognitivas. Penso que estamos no caminho certo. Buscamos o aperfeiçoamento com a comunidade. Ainda não há um tempo ideal, garantido, para encontros pedagógicos, porém tentamos aproveitar o máximo nossos encontros para trocar experiências, planejar e avaliar nossa prática pedagógica. O profissional “educador infantil” já tem maior consciência de sua importância para o desenvolvimento da criança e vem, aos poucos, vencendo o desafio de mudar a ideia que muitos tem de que a escola infantil é simplesmente um lugar para deixar a criança enquanto a família se ocupa de outras atividades.

Ainda há discussão entre “cuidar x educar” e divergências vão sempre existir.

Porém, o que se observa é que a criança de 0 a 6 anos já é tida como cidadã que merece todo carinho e respeito por parte de todos nós: família, escola, governo.

Nesse caminho rumo à educação integral, não se pode esquecer a valorização do educador, peça chave para o sucesso da educação infantil.

Foi lá, na UMEI Paraíso que desenvolvi o Plano de Ação relativo a este Trabalho.

## **4.2. REALIZAÇÃO DO PLANO DE AÇÃO**

“A verdadeira pedagogia é a arte de fazer da curiosidade algo metódico e permanente. É assim que o ser humano conhece e se reconhece. É importante aprender a aprender para que nossas aulas não se tornem em velhas e enfadonhas lições”. (Freire, in GILIO, 2003, p. 32).

Para realização satisfatória da proposta aqui apresentada, uma atividade bastante importante foi o diálogo com os pais. Sei que os pais não possuem, hoje, tempo nem espaço para as trocas com seus filhos. A escola, como ambiente socializador, deve realizar esta “religação” da cultura e da história, organizando atividades que possibilitem tal construção. Acredito que este resgate propiciará às crianças uma otimização do seu contato com o saber popular, lhes possibilitando descobrir códigos básicos da sociedade em que vivem e assim, melhor se integrar à mesma.

Pensando assim, iniciei o trabalho, na sala da professora Mara, com alunos de 5 anos.

A interação com a família é essencial para o resgate das brincadeiras tradicionais uma vez que as mesmas são provenientes da cultura de cada um. Somente conversando com os pais e com seu aval seria possível realizar um trabalho que pudesse integrar gerações e resgatar a cultura lúdica das brincadeiras e jogos tradicionais.

De acordo com FORTUNA(2000): “uma aula ludicamente inspirada não é, necessariamente aquela que ensina conteúdos com jogos, mas aquela em que as características do brincar estão presentes, influenciando no modo de ensinar do professor, na seleção dos conteúdos, no papel do aluno” ( FORTUNA, 2000, p. 9) Foi pensando nesta afirmativa que desenvolvi com os alunos uma aula sobre – momento da conversa – sobre brinquedos e brincadeiras. Conversamos sobre os brinquedos de cada um, quem comprava seus brinquedos, como e com quem eles brincavam e do que mais gostavam de brincar. As respostas foram variadas, porém dentro daquilo que a maioria dos autores reforça de acordo com a sociedade moderna e capitalista em que vivemos. A grande maioria das crianças brincava em casa e muitas vezes sozinha. Os pais brincavam mais com os meninos, de soltar pipa e jogar bola. As meninas contaram brincar mais com bonecas, as mais variadas possível. Os jogos eletrônicos sobressaíram e os videogames e computadores foram os campeões na preferência deles. Nada da tão sonhada bicicleta, como nos meus tempos de criança.

Depois dessa conversa as crianças foram estimuladas a questionar os pais quanto às histórias vividas ludicamente na infância deles, as brincadeiras preferidas, os tipos de jogos e seus variados nomes.

No dia seguinte, no momento de rodinha, em sala de aula, os alunos puderam contar tudo aquilo que conversaram com os pais em casa. Percebi pelo relato das crianças que a empolgação dos pais já os tinha contagiado, pois eles conseguiam contar direitinho as histórias que ouviram e com muito entusiasmo. Na maioria das vezes eles diziam que os pais e mães também contavam que não tinham muitos brinquedos comprados em lojas, como eles tem agora. O melhor mesmo foi ouvir casos daqueles que conversaram com os avós. Teve nome de brincadeira que eu mesma nunca tinha ouvido falar.

Elaboramos, então, que os pais deveriam responder e devolver para que pudéssemos planejar a segunda parte do trabalho. As atividades (brinquedos e brincadeiras populares antigas) seriam planejadas e monitoradas a partir das respostas obtidas. Os questionários foram voltando aos poucos, mas enquanto todos não retornaram continuamos a falar com as crianças pedindo que os trouxessem.

Após o recebimento dos questionários, foi enviado um bilhete aos pais perguntando em que dia da próxima semana eles poderiam comparecer à escola e que brinquedo/brincadeira iriam desenvolver.

Como o horário de aula das crianças é pela manhã, durante a semana, o quantitativo de pais que se dispôs a ir à escola foi pequeno. Muitos pediram para que fosse feita atividade no sábado. Porém, não havia mais sábados letivos disponíveis no Calendário Escolar.

## **ATIVIDADES PRÁTICAS**

Antes de iniciar as atividades práticas, reli um trecho de FORTUNA sobre aula lúdica, do qual gostei muito :

“Uma aula lúdica é uma aula que se assemelha ao brincar - atividade livre, criativa, imprevisível, capaz de absorver a pessoa que brinca, não centrada na produtividade. Como brincar, na concepção de Winnicott, é um modo particular de viver, é preciso aprender a brincar para viver com prazer e, por extensão, aprender com prazer. Assim como um jogo é tanto melhor quanto maior seu potencial

instigador e seu espaço para a ação, a aula lúdica é aquela que desafia o aluno e o professor e situa-os como sujeitos do processo pedagógico. A tensão do desejo de saber, a vontade de participar e a alegria da conquista impregnarão todos os momentos desta aula. Deste modo, arrebatados, professor e aluno evadem-se temporariamente da realidade, mas somente pelo tempo suficiente de pensar, imaginar, inventar, pois o material necessário à atividade criativa é a própria realidade” (FORTUNA, 2000, p. 9).

### **1ª Atividade**

A Sra. Helenice Consolação Rocha Hungria, mãe da aluna Sarah Tavares Hungria se prontificou a ensinar as crianças a pular e brincar de corda.

Antes de começar ela relatou o porquê de ter escolhido aquela brincadeira:

“ Quando eu era criança morava no interior, na cidade de Coluna. Lá havia muitos cipós nas árvores. Com eles aprendemos a brincar de corda”.

Ao final da atividade ela deu um pequeno depoimento:

“Poder vir aqui hoje e ensinar vocês a brincar foi muito importante prá mim também. Eu me lembrei dos meus tempos de criança. Era tudo muito diferente. Hoje minha filha tem muito brinquedos em casa. Tudo que posso eu dou a ela, mas ela sabe brincar de muitas coisas que eu brincava quando era criança. Gosto de ensinar essas coisas para ela. A gente brincava de muitos outros brinquedos, mas prá fazer aqui ia dar trabalho. Eu gostava muito de brincar de 5 Marias. Nossa mãe costurava uns saquinhos de areia bem pequenininhos e a gente jogava. Era muito bom!”

Ela ficou emocionada ao se lembrar daquelas brincadeiras.

As crianças acharam “legal” a mãe de uma colega ir a escola trabalhar junto com elas.

Observações:

- Os alunos ficam empolgados com a brincadeira e todos queriam ser os primeiros. Então fizemos “combinados” a serem obedecidos.
- Apesar de todos já conhecerem a brincadeira de pular corda, tiveram muita dificuldade em pular com equilíbrio e de obedecer o ritmo estipulado pelas músicas entoadas durante o bater da corda. Muitas tinham que parar e recomeçar enquanto outros não conseguiram pular de acordo com o ritmo.



- As crianças todas gostaram da nova brincadeira e perguntaram quando iria acontecer novamente.
- A aluna Sarah já conhecia bem a brincadeira inclusive a música utilizada. Assim, ela ajudou a mãe durante o desenvolvimento da atividade.

## **2ª Atividade**

A Sra. Bruna Guimarães da Silva Evaristo, mãe da aluna Rayssa Gabriella da Silva desenvolveu ad brincadeiras Passa-anel e Morto-vivo.

Bruna relatou às crianças durante a rodinha, que teve uma infância muito agradável em Belo Horizonte. Como a situação financeira não era alta, ela e os irmãos brincavam muito das brincadeiras que seus pais lhe ensinavam. Assim, mesmo estando grávida, ela se dispôs com bastante empenho em comparecer à Umei para contar sua experiência e também relembrar sua infância.

Observações:

Brincadeira de Passa-anel

- A grande maioria das crianças não conhecia a brincadeira. Foi uma grande descoberta. De início os alunos pensaram que somente as meninas podiam brincar, pois anel é coisa de menina. Depois que a brincadeira foi explicada eles entenderam que todos podiam brincar.
- As regras foram explicadas. Todos prestavam muita atenção.

Conseguir ficar sem falar durante a brincadeira foi outra dificuldade. Todos pediam para que o anel fosse deixado em sua mão e aquele com quem ficava o anel, logo que o recebia gritava “o anel está comigo”. Foi necessário brincar várias vezes para que a brincadeira fosse entendida.

- Quando todos pegaram o ritmo, foi muito interessante. A brincadeira flui de forma ótima. As crianças amaram esta brincadeira.

Brincadeira de Morto-vivo

- Esta foi uma brincadeira bem mais fácil de entender. A prontidão das crianças pôde ser verificada.

- As regras são simples porém seu cumprimento foi difícil: ninguém aceitava sair da roda quando errava. Foi preciso conversar muito sobre acatar as normas pré estabelecidas e sobre ganhar e perder.
- Alguns alunos riam dos colegas que perdiam, porém não aceitavam que rissem deles. Foi outro ponto a ser considerado e trabalhado.
- É uma brincadeira através da qual se pode verificar a qualidade do equilíbrio das crianças e sua atenção.

### **3ª Atividade**

Depois destas duas atividades, eu, juntamente com a professora Mara, confeccionamos um brinquedo com os alunos. Foi confeccionada uma PETECA com jornal e papel de seda.

As crianças gostaram muito de fazer o brinquedo.

### **4ª Atividade**

Nosso projeto contagiou toda a escola. Várias educadoras já mencionaram o desejo de desenvolver o Projeto.

Os alunos de outras turmas ficam me perguntando em que dia eu vou na sala deles.

Um funcionário da Umei, o porteiro Luiz Alberto Cinta ficou tão empolgado que pediu para ensinar aos alunos como se faz pipa. Foi um momento de alegria total. Os alunos ficaram extasiados.

Mais um adulto quis relembrar seu tempo de criança.

“Não é necessário ser criança para usufruir o brincar, pois sua herança – a criatividade – subsiste na vida adulta”. (FORTUNA, 2000)

## 5 – CONCLUSÃO

Após vasta pesquisa bibliográfica e realização do plano de ação pude concluir que a modernidade trouxe mudanças significativas para todos os segmentos da vida atual. As crianças também sentiram estas mudanças mas apesar delas continuam se utilizando do brincar – ação inerente às crianças. Como se dá este brincar é que é a questão.

Atualmente as crianças ficam mais presas em casa por causa do crescimento das cidades e da violência. Dessa forma brincam sozinhas e com brinquedos industrializados que são cada dia mais sofisticados retirando das crianças toda e qualquer motivação à descobertas. Os adultos, engajados no mundo capitalista trabalham durante muitas horas. Consequentemente os pais não tem tempo para brincar com os filhos e lhes presenteiam com a mais variada quantidade de brinquedos que intencionam lhes distrair e compensar a falta de brincadeiras “junto com o outro”.

As crianças são colocadas mais cedo em creches e escolas infantis e a estas cabe a responsabilidade do brincar. É consenso entre todos os segmentos da educação e os autores pesquisados a importância do brincar na educação infantil. A grande questão é incentivar mudanças na formação do educador para que o mesmo possa ter uma “formação lúdica” que o ajude a ter maior segurança para colocar em ação o trabalho com “o brincar”. Além disso a Escola precisa fazer um elo com as famílias na tentativa de resgatar brincadeiras e jogos tradicionais que estão sendo esquecidos. Através destas brincadeiras as crianças podem se desenvolver nos aspectos físico, cultural, social e intelectual. Eles também poderão ser agentes de perpetuação de sua cultura repassando-a a futuras gerações.

## 6 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, W. Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação. Trad. Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34,2002

BRASIL, Ministério da educação e do Desporto. Referencial Curricular para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Ensino Fundamental. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil . Brasília, DF: MEC, 2001. \_\_\_\_\_Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - nº9.394/96. Brasília, 1996.

BROUGÈRE, Gilles. A criança e a cultura lúdica. Revista Faculdade de Educação . v. 24, n.2, São Paulo, jul/dez, 1998.

CORSINO, Patrícia. Pensando a infância e o direito de brincar. In: BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação à distância. Salto para o Futuro – Jogos e brincadeiras: desafios e descobertas. 2. ed. Brasília: 2008, p.12 – 24.

CABRAL, Fátima. O lúdico e a sociabilidade infantil. Cadernos CERU, série 2, no 7, 1996.

CAVALLARI, Vinicius Ricardo; ZACHARIAS, Vany. Trabalhando com Recreação. São Paulo: Ícone, 5º. ed. 2001.

FANTIN, Mônica. No mundo da brincadeira: jogo, brincadeira e cultura na Educação Infantil. Florianópolis: Cidade Futura, 2000.

FARIA Júnior, Alfredo G. A reinserção de jogos populares nos programas escolares. In Motrivivência, Florianópolis, n 9, p. 44-65, 1996.

FORTUNA, Tânia Ramos. Formando professores na universidade para brincar. In: SANTOS, Santa Marli Pires dos(org.).A ludicidade como ciência. Petrópolis, RJ: Vozes,2001.

\_\_\_\_\_. Sala de Aula é lugar de brincar? In: Xavier, M.L.M. e Dalla Zen, M.I.H. (org) Planejamento em destaque: análises menos convencionais. Porto Alegre: Mediação, 2000. (Cadernos de Educação Básica, 6) p. 147-164

FREIRE, João Batista. Educação de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física. São Paulo: Scipione, 1997

GARROCHO, Luiz Carlos. Uma Poética do brincar. In:Presença Pedagógica, v.9, n.53. pags38-45/ set/out.2003

GILIO, Anésia Maria Costa. Brincar e Observar: ações e admirações. In: Presença Pedagógica, v.9, n.53.pags 28-35/ set/out.2003

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org). Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. São Paulo: Cortez, 1996.

\_\_\_\_\_. O jogo e a educação infantil. São Paulo, SP: Pioneira Thomsom Learning, 2003

\_\_\_\_\_. Brinquedos e Brincadeiras na Educação Infantil. In: Anais do I Seminário Nacional Currículo em Movimento – Perspectivas Atuais – BH Nov. 2010

KRAMER, Sonia. A infância e sua singularidade. <http://pt.scribd.com/doc/19996138/APOSTILA-educacao-infantil-e-ludicidade-corrigida>)

PIAGET, JEAN. A Formação do símbolo na criança. Rio de Janeiro . R.J. Zahar, 1978

ROURE, G. Q. Infância, Experiência, Linguagem e Brinquedo. 33º Reunião Anual da ANPED. Caxambu, 2010

SALGADO, R. G. Pares ou Ímpares?: Consumo e Relações de Amizade Entre as Crianças na Formação de Grupos para Brincar. 33º Reunião Anual da ANPED. Caxambu, 2010

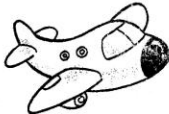
SILVA, Márcio A Freitas; O Brinquedo e o Brincar no Processo de Formação da Personalidade. In: Revista Educar Brasil v1, n1 mai.2012, Editora São Gerônimo

TREVISAN, C. S.; GOMES, V. Q. Jogos, brinquedos e brincadeiras. In: Revista Conexões: Educação, esporte e lazer, Campinas, v. 1, n. 2, p. 126-134, jun. 1999.

VIGOTSKY, L. S. Formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 4a edição, 1991.

## 7 – ANEXOS

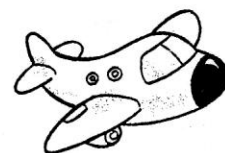
### 7.1 QUESTIONÁRIO

PROJETO BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS	
Srs. Pais;	
<p>Tendo como proposta resgatar os brinquedos e brincadeiras antigas, que não são tão praticadas pelas crianças, hoje em dia, convidamos a vocês, - família de nossos alunos – a serem nossos parceiros neste projeto, estimulando e participando junto com as crianças das várias etapas.</p> <p>Dessa maneira vocês estarão interagindo conosco e possibilitando às crianças o prazer do brincar, que é muito mais que apenas manusear brinquedos prontos, pois aqui eles poderão participar da construção do brinquedo e interagir com a família e os colegas, o que lhes proporcionará valores importantes.</p> <p>Portanto solicitamos à família que, por gentileza, responda as questões abaixo.</p>	
1 – Quais eram os brinquedos e/ou brincadeiras de que vocês mais gostavam na infância?	
<p><i>Eu gostava muito de brincar de Peteca</i> <i>pai e Vem Pião Joga queimada</i></p>	
2 – A seguir temos a relação de alguns brinquedos/brincadeiras.	
Escolha aquele que você gostaria de confeccionar junto com seu filho e vir brincar com ele aqui na Escola (em data e horário a combinar)	
<input type="checkbox"/> bola de meia <input type="checkbox"/> catavento <input type="checkbox"/> boneca de pano <input checked="" type="checkbox"/> bola de gude <input type="checkbox"/> dominô <input checked="" type="checkbox"/> peteca <input type="checkbox"/> pipa <input type="checkbox"/> pião <input checked="" type="checkbox"/> pé de lata <input type="checkbox"/> cinco marias <input checked="" type="checkbox"/> cavalo de pau <input type="checkbox"/> bilboquê <input type="checkbox"/> carrinho de rolimã	
outro:	<i>pai e vem</i>
Atenciosamente, Professoras Solange e Mara	



DOUGLAS

## PROJETO BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS



Srs. Pais;

Tendo como proposta resgatar os brinquedos e brincadeiras antigas, que não são tão praticadas pelas crianças, hoje em dia, convidamos a vocês, - família de nossos alunos - a serem nossos parceiros neste projeto, estimulando e participando junto com as crianças das várias etapas.

Dessa maneira vocês estarão interagindo conosco e possibilitando às crianças o prazer do brincar, que é muito mais que apenas manusear brinquedos prontos, pois aqui eles poderão participar da construção do brinquedo e interagir com a família e os colegas, o que lhes proporcionará valores importantes.

Portanto solicitamos à família que, por gentileza, responda as questões abaixo.

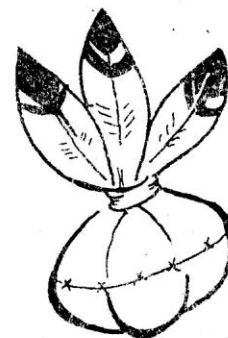
1 - Quais eram os brinquedos e/ou brincadeiras de que vocês mais gostavam na infância?

*peteca, Bola de meia, Passar anel*

2 - A seguir temos a relação de alguns brinquedos/brincadeiras.

Escolha aquele que você gostaria de confeccionar junto com seu filho e vir brincar com ele aqui na Escola (em data e horário a combinar)

- bola de meia
- catavento
- boneca de pano
- bola de gude
- dominó
- peteca
- pipa
- pião
- pé de lata
- cinco marias
- cavalo de pau
- bilboquê
- carrinho de rolimã



outro: \_\_\_\_\_

*M<sup>o</sup> de Lourdes*

Atenciosamente,

Professoras Solange e Mara

## 7.2- FOTOS



As imagens acima mostra as crianças brincando de amarelinha no pátio





A educadora Mara ensina as crianças a fazer uma nova brincadeira com a corda





Helenice, mãe da aluna Sarah contando sobre sua infância no interior.



Helenice e Mara na rodinha fazendo os combinados para a brincadeira





Helenice, Mara e Solange se divertem pulando corda com as crianças





As crianças, felizes, aprendem a pular





Bruna, mãe de Raissa conversa com as crianças sobre as brincadeiras da sua infância



Bruna ensina as crianças a brincar de passa anel





Mara e Solange fazem petecas com as crianças



Luiz Alberto (porteiro da UMEI) ensina as crianças a fazer pipa, pois era a brincadeira que ele mais gostava quando era criança